

**A SUTILEZA DO PATHOS NO DISCURSO POLÍTICO – UM ESTUDO SOBRE
O FUNCIONAMENTO DA EMOÇÃO EM PRÁTICAS DISCURSIVAS DO EX-
PRESIDENTE LULA.**

Sônia Regina Pereira da Cunha¹ &
Juscéia Aparecida Veiga Garbelini²

Primeiras Palavras

Em todo ato discursivo, temos em mente um propósito antes de tomarmos a palavra. Sendo assim, com as emoções não seria diferente uma vez que, as emoções nada mais são que uma série de dispositivos de comunicação e arte que ao contar histórias, lida com uma série de sentimentos do espectador. Segundo Charaudeau (apud Mendes E. & Machado I.L., 2007, p.36), a emoção pode ser utilizada em um processo discursivo como “um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido” nos receptores efetivos. Nesse sentido, um diálogo dramático, a representação de uma tragédia, poderia levar às lágrimas ou causar repulsa.

A emoção no discurso é categorizada, na perspectiva teórica da Análise de Discurso Francesa, como patemização. Nesse sentido, busca-se estudar o processo discursivo no qual a patemização pode ser empregada como efeito visado embora se reconheça que isso não assegure, ainda, o efeito produzido, pois há um conjunto de fatores que precisam ser levados em conta para que algum elemento da linguagem possa ser considerado um índice de patemização, dentre eles: o elemento situacional, as intenções e expectativas, o contrato comunicativo, os saberes de crença vigentes e as

¹. Pós-graduanda *latu sensu* em Ensino de Língua Inglesa da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Porto Nacional. E-mail:sonialetras@mail.uft.edu.br

². Professora Doutora do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Porto Nacional. E-mail:jusceia@mail.uft.edu.br

inclinações afetivas do interlocutor. Dessa maneira, o estudo do efeito patêmico está submetido aos recursos linguísticos passíveis de gerar a emotividade, somados à predisposição do dispositivo comunicacional e do campo temático em questão.

Este artigo lida com o emprego das emoções e seus efeitos possíveis de patemização no discurso político do ex-presidente da República, Luiz Inácio da Silva, e busca compreender as estratégias que o político utiliza na construção de sua imagem para obter uma credibilidade e seduzir (ethos); dramatiza o ato de tomar a palavra para fins persuasivos (pathos); também escolhe e apresenta valores para a fundamentação do projeto político (logos). Logo, o dizer, ao modificar-se em função das visadas e do auditório, faz com que o discurso político se apodere de um jogo de máscaras.

Fundamentação teórica

O texto *Pathos e discurso político*, apresentado por Patrick Charadeau no colóquio “Pathos em ação: o uso das emoções no discurso”, em Brest (Universidade da Bretanha Ocidental, 2005), traz os aspectos basilares da reflexão sobre a temática da patemização. Vejamos: o autor nos alerta de que não entrará na discussão sobre a adequação de termos para tratar da questão: *pathos*, emoção, sentimento, afeto, paixão, pois cada um desses termos é capaz de abarcar uma noção específica e cada uma dessas noções depende de um ponto de vista teórico também específico. Contenta-se, então, em distinguir a noção de “sentimento” da noção de “emoção”. Vê a primeira mais ligada à ordem da moral, enquanto a segunda seria ligada, sobretudo, à ordem do sensível. No entanto, vai empregá-las de modo indistinto.

- **As emoções como representação social:** Parte da hipótese de que as emoções se originam de uma “racionalidade subjetiva” porque emanam de um sujeito de que se supõe ser fundado de “intencionalidade”. As emoções são orientadas em direção a um objeto “imaginado”, já que este objeto é retirado da realidade para se tornar um “real” significante. A relação entre o sujeito e este objeto se faz pela mediação de representações. (CHARAUDEAU *apud*. MACHADO, Ilda Lúcia. MENEZES, Willian. MENDES, Emília (org.), 2007, p.240).

A piedade e o ódio que se manifestam em um sujeito não são simples resultado de uma pulsão, nem se medem somente como uma sensação de excitação, como um aumento de adrenalina. A emoção pode ser percebida na representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater. E como estes conhecimentos são

relativos ao sujeito, às informações que ele recebeu, às experiências que ele teve e os valores que lhe são atribuídos, podemos então dizer que as emoções, ou os sentimentos estão ligados às crenças. Assim, a morte do ponto de vista patêmico vai variar de acordo com quem a vivencie: médico, soldado, amigo, parente ou telespectador.

- **Emoções e efeitos possíveis:** Apoia-se na “retórica dos efeitos”, noção que já presente em alguns retóricos da antiguidade, como Aristóteles: persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos que o dispõe a partilhar do ponto de vista do orador. (2007, pg.241)
- **Os traços semiológicos das emoções:** O emprego de palavras ou traços icônicos não constitui necessariamente a prova da existência da emoção. Palavras como “cólera”, “horror”, “angústia”, “indignação” etc., designam estados emocionais, mas não provocam, necessariamente, emoção. Outras palavras como “vítima”, “assassinato”, “crime”, “massacre”, imagens de sangue, de destruição, de inundação, são suscetíveis de expressar ou engendrar medos, sofrimentos, mas são somente “suscetíveis”. Tudo depende do ambiente em que estas palavras são empregadas, do contexto, da situação na qual se inscrevem e de quem as emprega e de quem as recebe. (2007, pg.241)
- **Categorias patêmicas - Tópicas do *pathos*:** tópica da dor e seu oposto, o prazer; tópica da angústia e seu oposto, a esperança; tópica da antipatia e seu oposto, a simpatia. (2007, pg.241)

Charaudeau define cada uma dessas tópicas em termos de *cenário* e de *figura* (tristeza-sofrimento/contentamento-satisfação; medo-terror/ confiança-apelo; cólera-aversão/benevolência-compaixão) marcando certo *lugar* (adesão/distância) do telespectador.

Segundo as ideias de Barthes e Aristóteles persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos que o predispõe a partilhar o ponto de vista do orador. Logo, as estratégias discursivas que tendem a tocar as emoções do outro ao ponto de seduzi-lo ou não, trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro, atingindo suas pulsões emocionais. (2007, p.242). Não temos o total domínio da fala política lançada, mas, uma suposição racional que ela será interpretada de várias maneiras. Sendo assim, para analisá-las temos que nos questionar sobre: quem lança essa fala? Ela é endereçada a quem? Qual a situação de comunicação e qual o dispositivo de troca? Qual o objetivo de persuasão que exigem visadas de credibilidade e de captação da parte da instância discursiva? Com base nessas questões, não podemos

declarar que as emoções podem ser tratadas da mesma maneira conforme a circulação da fala uma vez que a cena política se caracteriza por um dispositivo que é posto a serviço de uma expectativa de poder. (2007, p.243).

Através das nossas discussões e leituras teóricas, notamos que o ex- presidente Lula utiliza estratégias de construção de imagens de si mesmo, de maneira a tornar-se credível perante seu público alvo. Ou seja, ele utiliza o ethos para atrair a credibilidade do público utilizando as representações sociodiscursivas e os valores de crença como algo em comum com o público visando gerar um efeito pathêmico – buscar o afeto do público. Para representar esse nosso ponto de vista, exemplificaremos nossa ideia utilizando algumas tópicas pathêmicas.

Análise do corpus: a tópica da “dor”

Não se trata de seu aspecto sensorial (sentir dor no braço), mas de seu estado mental, ainda que fenômenos de somatização estejam, às vezes, ligados aos dois. A dor deve ser considerada como um estado de insatisfação do desejo do sujeito tal como ela o mergulha em uma sensação de mal estar profundo, de sofrimento no qual o corpo do sujeito é tomado à parte (somatização), e que pode se traduzir, na manifestação, por um recolhimento sobre si mesmo, uma exteriorização mais ou menos convulsiva, ou um abatimento quase total. Exemplos extraídos do discurso do ex-presidente Lula. O fragmento discursivo abaixo se realizou em um palanque por ocasião da campanha eleitoral presidencial no ano de 2010.

“Eu perdi em 89; Eu perdi em 94; e eu perdi em 98. E eu perdi porque uma parte do povo pobre desse país que deveria votar em mim, não votava. Não votava com razão, não votava com medo, não votava porque ele pensava: Como é que eu vou votar num cara que não sabe nada? Como é que eu vou votar num cara que só tem o diploma primário? Um sindicalista. Eu lembro uma vez aqui, visitando casa amarela, visitando um barraco, a mulher falou: Eu não vou votar em você Lula porque você vai tomar o que eu tenho. E eu olhava pro barraquinho dela e pelo amor de Deus. O que que eu vou tomar dessa mulher?! Ela não tem nada. E como é que ela tem medo de mim?”

Temos nesse fragmento, Lula – sujeito da enunciação que realiza o discurso a partir da posição de presidente da república. Inicialmente podemos dizer que os interlocutores, a plateia do comício, estão numa relação assimétrica se tomarmos como referência a questão do poder. No entanto, a temática da derrota constitui um ethos de sinceridade expresso na repetição do verbo perder, ao qual se somam outros itens lexicais de valor negativo: “(...) povo pobre desse país que deveria votar em mim, não votava. Não votava com razão, não votava com medo; num cara que não sabe nada; num cara que só tem o diploma primário”. Constatamos dessa forma a presença da tópica da dor, a qual é desencadeada por um actante-objeto (pessoa ou situação) que colocou o sujeito em posição de vítima-ofendida, razão pela qual a dor é provocada pela mobilização de uma rede de crenças que coloca o sujeito em posição de vítima moral, que faz com que o objeto externo seja interiorizado pelo sujeito como causa interna da dor.

De imediato, o sujeito se encontra em uma relação reflexiva com a dor (ela é “auto-patêmica”): interiorizando o objeto causa de sua dor, ele se essencializa ele próprio em “ser que sofre” e o enuncia-se. Aqui, encontramos algumas figuras particulares, com graus diversos de dor tais como: a “tristeza” (aceitação de impotência: “E como é que ela tem medo de mim?”), a “vergonha”, o “incômodo: “Não votava com razão, não votava com medo, não votava porque ele pensava: Como é que eu vou votar num cara que não sabe nada?”; a humilhação: “Eu perdi em 89; Eu perdi em 94 e eu perdi em 98”.

A tópica da "alegria" - Algumas figuras a acompanham: a “satisfação” e o “contentamento” (até o sentimento de “poder”), a “ vaidade” e o “orgulho” (promoção identitária de si). Tem as mesmas características da dor, mas sobre o pólo oposto da satisfação do desejo, do bem-estar corporal e moral, que faz dizer ao sujeito: “estou bem comigo mesmo” uma essencialização eufórica. Vejamos no trecho abaixo:

“Mariza, será que é verdade que a gente tá aqui? Nós tamô dormindo nesse quarto onde dormiu tantos presidentes... nessa cama Mariza... Será que é verdade?”.

O sujeito manifesta sua satisfação extrema de ter atingido o ápice do poder de um sistema democrático, ou seja, a presidência da República. Tal satisfação chega a desafiar a instância da credulidade, arrolada numa sequência interrogativa: “... será que

é verdade que a gente tá aqui? Nós tô dormindo nesse quarto onde dormiu tantos presidentes... nessa cama. Será que é verdade?”. Para confirmar esta emoção, o sujeito conclama o testemunho de sua interlocutora consolidando o efeito pathêmico da alegria.

A tópica da “angústia” – Segundo Charaudeau, outras figuras pertencem a esta tópica com variações de grau são: o “aborrecimento”, o “medo”, o “terror” (= “estar aterrorizado”). É um estado de espera desencadeada por um actante-objeto desconhecido, mas que representa um perigo para o sujeito. O sujeito mobiliza, assim, uma rede de crenças que lhe faz encarar diferentes representações, sempre negativas, deste objeto. Ele permanece à distância, à espera de saber e diz: “o que é que me espera?”. O assunto se essencializa em “esperar-ameaçado”, então, o sujeito exprime de maneira elocutiva (“estou angustiado”).

“E aí aconteceu uma coisa quase que sagrada pra mim... Eu descobri que eu tenho que provar a mim mesmo que eu tinha competência... Eu tinha que provar a mim mesmo que eu não podia falhar porque se eu falhasse, não era o Lula que havia falhado... Porque se eu falhasse sozinho, não tinha importância, acabou o Lula, depois vem outro... É que se eu falhasse quem falhava era a classe trabalhadora... Seria os pobres desse país que iriam provar que não tinham competência para governar”.

Diante de um contexto exigente e cobrador de competências, emerge o efeito pathêmico da angústia materializado inicialmente, na auto-cobrança: “Eu descobri que eu tenho que provar a mim mesmo que eu tinha competência... Eu tinha que provar a mim mesmo que eu não podia falhar”. O sujeito transborda do particular para o coletivo, o que aumenta o efeito pathêmico da angústia, pois segundo ele: “É que se eu falhasse quem falhava era a classe trabalhadora”.

A tópica da “esperança” - Também fazem parte dessa tópica: a “confiança”, o “desejo”, os “votos”, a “chamada”, a “oração”. Tem as mesmas características da angústia, mas na espera de um benefício, de um acontecimento feliz, de uma melhora do destino que leve o sujeito para esse objeto desconhecido, movimento de confiança em seu acontecimento e de seu efeito positivo:

“E a Mariza falava: - ““- Lula, não desanima! Continua! Um dia você vai convencer. E isso aconteceu em 2002... Aconteceu...”.

O efeito pathêmico da esperança apresenta-se inicialmente por meio de sua interlocutora, concretizado nos itens lexicais de valor positivo: “Lula, não desanima! Continua! Um dia você vai convencer.” E o sujeito revela a persistência movida pela esperança, que se concretiza, após várias tentativas, no ano de 2002.

A tópica da “simpatia” - O sujeito está em estado de emoção (crenças morais) no que diz respeito ao perseguido e em comportamento de ajuda para aliviar o sofrimento dele (ele se constrói uma imagem de salvador) que ele exprime de maneira elocutiva e alocutiva (ele diz: “eu gosto de você!”):

“E eu duvido que tenha um presidente da república desse país que tenha trabalhado o tanto que eu trabalhei...Que tenha viajado o quanto eu viajei...Que tenha cumprimentado as pessoas o quanto eu cumprimentei... E não faço isso à-toa! Tudo isso porque eu quero sentir o pulsar do coração, da alma, da mente de cada mulher e de cada criança desse país”.

A tópica da simpatia maximiza-se de forma intensa e gradativa quando o sujeito diz querer-sentir o pulsar do coração, da alma, da mente de cada mulher e de cada criança desse país. Este efeito pathêmico é fruto de um planejamento, no dizer expresso do sujeito: “E não faço isso à-toa!”.

Palavras finais

Temos na pessoa do ex-presidente Lula, um discurso populista. Ou seja, um discurso antielitista que tem o ex-presidente como um líder suficientemente carismático tido como Eu ideal que representa a massa que nasceu de uma situação de crise social. Logo, esse eu ideal narra e descreve as situações de mundo, traz explicações para tais situações e lança-se como bom conhecedor desse mundo e daí então, o outro o reconhece como participante do seu mesmo mundo e com isso a simpatia por esse Eu ideal é concretizada.

Com base nesse estudo, podemos afirmar que a análise do discurso, no nosso caso, as emoções no discurso político apodera-se da linguagem em sua relação de troca linguageira, ou seja, linguagem esta que perpassa o signo linguístico, constituindo-se em uma rede de figuras pathêmicas, baseada em uma troca social (saberes de crença, conhecimento, representações sociais, etc.) que alicerça uma determinada situação de comunicação entre enunciador e enunciatário. Segundo Charaudeau, a relação

pathêmica engaja o sujeito em um comportamento reacional segundo as normas sociais às quais ele está ligado, as que ele interiorizou ou as que permanecem em suas representações.

Neste artigo, preocupamo-nos em trabalhar com as emoções numa perspectiva nova, e bem diferente daquela lidada pela psicologia e/ou pela sociologia. Aqui, as emoções foram analisadas como dispositivos de comunicação com um efeito visado, nem sempre atingido, porém, nada ingênuo. Baseamos-nos na teoria de Charaudeau que prefere o termo pathos para lidar com as emoções na tentativa de diferenciá-la das outras ciências uma vez que a organização do universo pathêmico depende da situação social e sociocultural na qual se inscreve a troca comunicativa.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 1.^a ed.; São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Ilda Lúcia. MENEZES, Willian. MENDES, Emília (org.). **As Emoções no Discurso, Volume I**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MENDES, Emília. (org.) MACHADO, Ilda Lúcia. **As Emoções no Discurso, Volume II**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

Site utilizado: <http://www.youtube.com/watch?v=q7PLM2O1vLk>

ANEXO

Transcrição do discurso do Lula pela emissora NBR – utilizado na análise do corpus

O marido, ele pensa que conhece a casa... mas quando a mulher não tá em casa, se ele tiver que fazer um café, ele não sabe onde tá o pó, nem sabe onde tá o açúcar, nem sabe onde tá o bule, num sabe onde tá o cuador... E eu traduzia para que o povo entendesse com mais facilidade aquilo que era a arte do que eu queria fazer se ganhasse as eleições para a presidência desse país.

Finalmente...

Eu perdi em 89;

Eu perdi em 94;

E eu perdi em 98;

E eu perdi porque uma parte do povo pobre desse país que deveria votar em mim, não votava.

Não votava com razão, não votava com medo, não votava porque ele pensava:

Como é que eu vou votar num cara que não sabe nada?

Como é que eu vou votar num cara que só tem o diploma primário?

Um metalúrgico, um sindicalista...

Eu lembro uma vez aqui, visitando casa amarela, visitando um barraco, a mulher falou:

Eu não vou votar em você Lula porque você vai tomar o que eu tenho.

E eu olhava pro barraquinho dela e pelo amor de deus...

O quê que vou tomar dessa mulher?! Ela não tem nada. E como é que ela tem medo de mim?

Eu cheguei em casa Eduardo e contei pra Mariza e falei: “Mariza! Eu tô assustado porque eu fui no barraco de uma pessoa que não tinha nada e essa pessoa que eu queria ajudar tem medo de mim. Ela não confia no que eu falo e ela tem medo que eu vá tomar as coisas dela.”

E a Mariza falava: - “Lula, não desanima! Continua! Um dia você vai convencer.”

E isso aconteceu em 2002...

Aconteceu...

E depois... E depois...

Eu tinha uma outra dúvida...

Eu ganhei as eleições. E aí eu comecei a ficar preocupado.

- “Qual era a preocupação?”

– “Será que eu tenho condição de governar esse país?”

- “Será que eu vou conseguir dar conta do recado?”

Eu tinha vez que quando deitava com a Mariza... lá no Palácio da Alvorada, eu falava:

- “Mariza! Será que é verdade que a gente tá aqui? Nós tamô dormindo nesse quarto onde dormiu tantos presidentes... nessa cama Mariza... Será que é verdade?”

E aí aconteceu uma coisa quase que sagrada pra mim...

Eu descobri que eu tenho que provar a mim mesmo que eu tinha competência...

Eu tinha que provar a mim mesmo que eu não podia falhar porque se eu falhasse, não era o Lula que havia falhado...

Porque se eu falhasse sozinho, não tinha importância, acabou o Lula, depois vem outro...

É que, se eu falhasse, quem falhava era a classe trabalhadora...

Seria os pobres desse país que iriam provar que não tinham competência para governar.

E aí tomei como decisão não falhar!

E trabalhei...

E eu duvido que tenha um presidente da república desse país que tenha trabalhado o tanto que eu trabalhei...

Que tenha viajado o quanto eu viajei...

Que tenha cumprimentado as pessoas o quanto eu cumprimentei...

E não faço isso à-toa!

Tudo isso porque eu quero sentir o pulsar do coração, da alma, da mente de cada mulher e de cada criança desse país.